

## ■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ Cella de aula: Lugar possível para a construção do sujeito autônomo e criativo

 Rita de Cássia Menezes \*

**Resumo:** Este relato de experiência analisa algumas práticas pedagógicas no Presídio do Distrito Federal I – Unidade PDFI, especialmente as atividades educativas promovidas na “Semana para a Vida”, entre os dias 07 a 10 de maio de 2018. Além de palestras, oficinas de desenho e xilogravura, impressionou-me o “Teatro do Oprimido”, baseado na obra de Augusto Boal e dirigido pela professora Iza Maia. Embora eu pertença à SEEDF desde 1994, estou há quatro meses apenas no sistema prisional, mas já pude presenciar o empenho de educadores libertadores e, como resultado, a formação de sujeitos autônomos e criativos. Dessa maneira, exponho minhas reflexões e as relações entre os estudos de Freire (2015, 2018), Boal (2009), e Martínez e Rey (2017) e o processo ensino-aprendizagem adotado nesse ambiente. Agrego, ainda, alguns relatos dos reeducandos a respeito dos trabalhos realizados.

**Palavras-chave:** Educação. Cella de aula. Papuda. Semana para a Vida.

---

\* Rita de Cássia Menezes é graduada em Letras - Português pela Universidade de Brasília - UnB (2000), especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais pela UnB (2016). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: rtmenezes2004@hotmail.com.

## Educação no sistema prisional

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.

Paulo Freire

Mesmo após 24 anos de exercício do Magistério, embora tenha trabalhado com diversas séries e modalidades, inclusive classes de aceleração (nome dado ao agrupamento de alunos repetentes por vários anos e, quase sempre, considerados “difíceis”) não conhecia a existência da Escola dentro do sistema prisional, até o presente momento. Desde então alguns questionamentos me inquietam e precisam de caminhos possíveis para a estruturação de respostas: qual é a relação entre a educação no presídio e a desejada reinserção do sujeito privado de liberdade na sociedade? Existe alguma relação de pertencimento do professor e do aluno, dentro da relação ensinar e aprender, nesse ambiente austero e, para muitos, assustador? Como se dá a construção da subjetividade na cela de aula?

O direito à Educação deve ser garantido ao preso, afinal a privação de liberdade já é a pena do detento. A escola no sistema prisional no DF funciona desde a década de 80, mas somente em 2016 foi institucionalizada e, então, criado o Centro Educacional 01 de Brasília (CED 01). Antes disso, as atividades educacionais eram ofertadas por meio de convênio com a Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso – FUNAP/DF.

A Unidade PDFI possui oito salas de aula em cada turno; a idade dos alunos é bem variada, entre 21 e 60 anos; ela abriga os penitenciados com penas maiores, por isso, normalmente, a frequência dos alunos é constante, não há rotatividade. O currículo utilizado é o Currículo em Movimento da Educação Básica - Educação de Jovens e Adultos e as Diretrizes Operacionais da EJA. Neste sentido, como em outras escolas, segue a Lei Federal 11.988, de 27 de julho de 2009 que institui a “Semana de Educação Para a Vida” objetivando oferecer conhecimentos de temas transversais, matérias que não constam no currículo obrigatório.

Nesse contexto, os educandos têm a televisão, uma em cada cela de confinamento, como “atividade” principal, uma hora de banho de sol e se consideram privilegiados por frequentar a escola, apesar de muitos chegarem sem perspectiva ou ânimo. Diferentemente de outros colégios, na cela de aula não há contato com a família, muitas vezes nem com o passado do aluno, porém não se deixa de preconizar que o futuro é o que importa, ou seja, que eles tenham objetivos que extrapolem os muros da prisão, independentemente dos motivos pelos quais foram apenados. Uso o termo “cela de aula” neste contexto devido ao fato do professor ser o único profissional que fica realmente trancado junto com os detentos, sem algemas ou agentes, estes ficam no lado de fora, separados por duas grades. Todos nós, educadores e reeducandos, confinados no mesmo espaço, entre as mesmas grades. Assim, diante de tantas peculiaridades, como o professor estabelece uma relação de confiança e conhecimento do seu estudante?

Ademais, em relação à opinião dos alunos do sistema prisional, a escola lhes representa um contato mais humanizado e “real” com o mundo, logo se sentem mais abertos ao conhecimento tanto afetiva quanto psicologicamente, pois os detentos tecem uma relação de confiança com os educadores

ali envolvidos, diferentemente das demais presentes no seu cotidiano, eles se veem e são vistos na condição de alunos que podem se desenvolver e que são capazes de aprender, enfim, os professores acreditam no potencial deles. Dessa feita, diante de um ambiente tenso como o que se constitui a cela, com suas regras e até uma linguagem própria, o que realmente representaria a escola além de uma fuga para um lugar mais ameno e uma oportunidade para remição da pena que devem cumprir?

Paulo Freire (2015), em *Pedagogia do Oprimido*, traça o perfil de um professor libertador e liberto e o convoca a usar a palavra, muitas vezes a ele negada, para se tornarem alunos e professores sujeitos de suas ações, dialogicamente, posto que a aprendizagem é mútua.

O autor define a Pedagogia do Oprimido como o direito da palavra a todos, uma vez que esta é negada a muitos. Ou seja, “os dominados, para dizerem a sua palavra, têm que levantar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais é difícil, mas uma imprescindível aprendizagem” (FREIRE, 2018 *apud* ERNANI FIORI, 2018, p. 30). Neste sentido, surge a necessidade de conhecer a realidade para transformá-la, sendo preciso, ainda, reconhecer-se como oprimido, por exemplo, preso mantido, em alguma relação de assujeitamento para que se busque a liberdade. Assim, a subjetividade e a objetividade em constante dialeticidade podem se constituir como práxis autônoma de reflexão e ação para transformar o meio.

De acordo com Boal (2009) o teatro é: “uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele. Assim, ele cria o “Teatro do Oprimido” e afirma que “todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos *espect.-atores*”. Nesta perspectiva a professora Iza Maia fundou o grupo Entreato e, na Semana para a Vida, dirigiu várias peças sobre situações problemáticas como: corrupção, traição, mentiras, etc. A técnica consistia em determinado momento congelar a cena e pedir a solução e a participação da plateia que se sentiu prestigiada por lhe ser dada “voz”.

Segundo Paulo Freire (2018), o oprimido muitas vezes não busca a liberdade por não confiar em si mesmo e, nesta passividade, acaba sendo conivente com o opressor. Deste modo a ação pedagógica deve buscar o diálogo e a conscientização, possibilitando o autoconhecimento do sujeito que não é apenas objeto, mas faz parte dela. Então este processo só é libertador quando há reflexão do ato em si, uma intencionalidade. O autor afirma que “Educador e educando co-intencionados à realidade tarefa de ambos se sujeito no ato desvendá-la – criticamente conhecê-la recriar o conhecimento” (FREIRE, 2018, p. 85).

Em outras palavras, a educação centrada na dialogicidade, na problematização que se faz dentro do diálogo, contribui na formação do homem que busca ser mais e reforça a mudança, pois esta só acontece efetivamente quando centrada na troca que é materializada entre os sujeitos: aprende-se ao mesmo tempo em que se ensina e vice versa. Ou seja, o homem como ser histórico tem sede de transformação e de busca, reconhecendo-se neste processo de pensar a si mesmo e ao mundo, na ação e na reflexão: há de se agir e pensar nesta relação que se retroalimenta. Esta teoria da ação dialógica precisa da colaboração, união, organização dos envolvidos neste processo

e síntese cultural. Também demanda do educador a confiança no homem e na aprendizagem feita com o outro, em forma de troca em vez de autossuficiência e, dessa maneira, teremos uma educação como prática de liberdade.

Os autores Martinez e Rey (2017) desenvolveram a Teoria da Subjetividade que - embora inspirada na Psicologia cultural-histórica de teóricos soviéticos como Vygotsky, principalmente no que se refere ao posicionamento do social e cultural como centros da formação do homem - é uma construção mais aprofundada e complexa dos processos de sentidos relacionados ao desenvolvimento do ser humano. Assim, o pensamento não é apenas uma função cognitiva, mas também de sentidos afetivos e emocionais. Deste modo a subjetividade é simultaneamente social e individual, também o sentido subjetivo é um processo simbólico de transformação permanente que não é do indivíduo, mas é qualidade individual e social. Especialmente, destaco as implicações dessa concepção cultural-histórica da subjetividade no trabalho pedagógico do professor e como a formação emocional é importante para o desenvolvimento do sujeito autônomo e criativo.

Dessa maneira apresentam o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, além de demonstrarem como os espaços sociorrelacionais (aqui nos interessará a cela de aula) podem participar na construção da subjetividade.

(...) a subjetividade não é algo inerente aos indivíduos, mas que vai constituindo-se a partir de espaços sócio-relacionais onde a pessoa está inserida em função de sistemas de atividades comunicativas nas quais se desenvolvem os processos de subjetivação gerados por ela (MARTINEZ; REY, 2017, p. 142).

Neste sentido, o espaço de o professor agir, oferecendo e participando de atividades que articulem a subjetividade individual e social, é a própria cela de aula. Nela a subjetividade social pode ser desenvolvida para propiciar uma aprendizagem mais significativa. Assim, entende-se que o cenário social da cela de aula também pode ser construído e que os envolvidos devem perceber a necessidade e a importância do estudo que será feito, sentindo-se parte ativa e integrada ao processo no lugar de um mero objeto.

Em vista disso, os autores apontam, ainda, algumas intervenções didáticas que favorecem uma aprendizagem criativa e produtiva como: definir os objetivos com a participação dos alunos e estimular a imaginação, curiosidade, criação e reflexão. O método de ensino deve oferecer atividades diversificadas, desafiadoras e que sejam do interesse e cotidiano do aluno, visando ao protagonismo. Os textos devem ser um provocador instigante e abordar mais de um ponto de vista sobre determinado tema é importante, também, que seja oferecida orientação para uma leitura crítica e criativa. Neste escopo, a relação professor-aluno deve ser dialógica, pautada na relação afetiva de confiança

Neste tipo de escola, a avaliação é centrada no exercício de autorreflexão da própria aprendizagem com ênfase no caráter reflexivo, produtivo e criativo dos exercícios. Infere-se, então, que as principais contribuições da Teoria da Subjetividade na Perspectiva Cultural-histórica são: considerar que a aprendizagem é um processo da subjetividade; perceber que a formação

humana dos alunos se constrói e que a educação afetiva se desdobra no desenvolvimento do aluno.

Relatarei agora alguns trabalhos realizados pelos professores, bem como a avaliação e escritas dos alunos.

Ao analisar o poema “No meio do caminho” de Drummond e perguntar aos alunos o que seria “a pedra” no caminho deles, muitos responderam que era a cadeia, no entanto ao serem questionados se não seria o motivo pelo qual eles estavam ali, a verdadeira pedra, examinaram sua própria condição.

Outra tarefa proposta aos estudantes foi a construção de notícia, gênero trabalhado pela docente, a respeito da Semana para a Vida que possibilitou, além da descrição dos trabalhos, a avaliação feita pelos discentes. E aqui fomos nós, professores, que nos surpreendemos com a repercussão e o efeito causado neles. Particularmente, admirou-me as descrições e os relatos da palestra da professora Gina Vieira Pontes, criadora do projeto “Mulheres Inspiradoras”, pois eu mesma fizera o curso e aplicara o projeto na minha antiga escola, mas deixei para desenvolver-lo na cela de aula no segundo semestre quando eu os conhecesse melhor, justamente por recear a recepção deles.

Transcrevo abaixo alguns trechos de relatos e notícias elaboradas pelos alunos. Para preservar a identidade dos mesmos serão denominados: aluno A, aluno B e aluno C:

Aluno A - As práticas de atividades que tivemos nesses dias despertou emocionalmente habilidade e qualidade na minha vida. Neste lugar de tristeza e solidão é uma terapia nos nossos pensamentos. [...] O testemunho da professora foi demais! História de coragem e perseverança! A minha autoestima melhorou 100% por 100% , a minha confiança de mudar de vida e de opinião melhorou 200 %.

Aluno B - Professores lutam para levar a presos [...] palestras, oficina de teatro e desenho, filme e pintura, desta forma os professores demonstraram o seu carinho e amor pelos internos desta unidade. [...] e com esse ato que a melhor forma de educar é demonstrando o amor e carinho por cada interno.

Aluno C - Apesar de não ter recurso o grupo Entreato já trouxe até mesmo prêmios.

Eu desconhecia a premiação apresentada pelo aluno C, mas em 2017 a escola participou do concurso cujo tema foi “Mais Direitos, Menos Grades” da Defensoria Pública da União (DPU) e recebeu o prêmio de primeiro lugar nas categorias Plano de Sensibilização e Redação IV. Além de outra premiação diretamente ligada ao grupo em anos anteriores.

Reproduzo, conforme os quadros 1 a 7, o resultado da avaliação elaborada pela coordenação e respondida pelos alunos, bem como alguns comentários deles, anônimos.

Quadro 1. Semana de Educação para a Vida - PDFI

ATIVIDADES/CONCEITOS	AVALIAÇÃO DA SEMANA DA EJA					
	ÓTIMO	BOM	REGULAR	RUIM	PÉSSIMO	NÃO PARTICIPARAM
PALÉSTRA: MULHERES INSPIRADORAS	79,77%	17,97%	2,24%	-	-	37,58%
PROF. GINA						
FILME: A ONDA	50,79%	41,26%	4,76%	1,58%	1,58%	50,35%
APRESENTAÇÃO: Diário do apenado (Augusto Boal)	63,35%	32,06%	3,81%	0,76%	-	4,25%
PROF. IZA MAMA						
OFICINAS DE DESENHO: DESENHO INICIAL (Rodrigo e Carolina); DESENHO AVANÇADO (Augusto); TECNOLOGIA: Vídeo;	77,77%	20,83%	1,38%	-	-	49,64%
PALÉSTRA: AUTENTIA	79,20%	20,79%	-	-	-	28,36%
Psicóloga coordenadora						
MÉDIA DA SEMANA	96%			4%		-

Fonte: própria autora

Quadro 2. Depoimentos com sugestões

Temas que despertem nosso interesse.
Gostaria de outros temas.
Gostaria de ter ido à palestra de autoestima.
Que tenha mais vezes.
Que tenha mais palestras.
Gostaria que da próxima vez tivesse uma palestra sobre ressocialização.
Se possível uma mostra de cinema.
Palestras sobre reintegração social, emprego e moradia.
Precisamos da psicóloga Luciana de novo.
Gostaria de ver mais professores participando, não deixasse por conta de um ou dois só.

Fonte: própria autora

Quadro 3. Depoimentos sobre Filme: A Onda

Tinha que ter mais variedade de filmes.
Foi um filme ótimo. nos mostrou o que a influência de uma pessoa pode causar.
Não gostei, poderia ter sido um filme melhor.
Mostra o fanatismo e o perigo das facções criminosas.
Gostei muito. a temática apresentada mostra que as pessoas podem ser influenciadas e manipuladas.
Poderia ser um filme que falasse sobre a vida.
Não entendi o que o filme quis dizer.
O filme foi ótimo, mas deveria ter pipoca e refri.
Uma lição de vida.
Filme fraco.
Muito bom. pois produz um certo grau de reflexão que nos leva a rever nossos próprios ideais.
Às vezes as pessoas podem lhe dizer algo positivo, mas sua forma de interpretar pode causar um desastre.

Fonte: própria autora

Quadro 4. Depoimentos sobre Palestra: Mulheres Inspiradoras – Prof. Gina

Foi muito bom, pois pude aprender muito com ela.
Foi um bom ensinamento psicológico.
Que mulher inspiradora!
Ótimo. me abriu novas janelas.
Ótimo projeto social.
O Brasil precisa de mais mulheres como a Gina.
Motivação para dar a volta e seguir um novo destino.
Essa palestra nos ensina a tratar melhor as mulheres. elas merecem.
Com a palestra pudemos ver os erros que cometemos e nem sabíamos.
Bom, pois nós refletimos e descobrimos que podemos.
Ótimo porque nos ensina a dar mais valor às mulheres e não tratá-las como objeto.
Professora Gina, achei ótimo sua palestra. aprendi muito sobre respeito para com as mulheres.
Pra mim, ela generalizou a questão dos homens. há mulheres que não gostam que mexam com elas, mas há as que gostam.
Ótimo, pois aprendemos que podemos ser maiores que nossas dificuldades e que nunca é tarde pra recomeçar.
A professora Gina é uma supermulher, isso que é história de superação. ela é uma mulher inspiradora.
Porque precisamos compreender que as mulheres são importantes para nós e têm que ter os mesmos direitos que os homens.

Fonte: própria autora

Quadro 5. Depoimentos sobre Apresentação de Teatro: Teatro do Oprimido - Augusto Boal - Prof. Iza Maia

Boas ideias, com boas referências.
Gostei, pois deu oportunidade a outros internos.
Ótimo, pois interagimos com as pessoas.
Que não apresentem roubos nas peças.
As apresentações foram muito legais.
O envolvimento da plateia desperta mais interesse.
Gostei muito do teatro, muito dinâmico, espero que seja sempre assim.
Gostei. teve a interatividade com a plateia e muitos puderam expressar sua opinião.
Bom. os internos do teatro se dedicam e sabem se expressar.
Ótimo. precisamos de mais teatro.
Muito bom mesmo presos temos muitas pessoas talentosas.
Somos capazes de ser uma nova pessoa.
Ótimo trabalho da professora, mas não curto teatro.
O teatro deveria dar oportunidade a outras pessoas. segundo semestre que são os mesmos internos.
Foi ótimo porque quem quis pode participar.
Relatar mais fatos vividos pelos presos. mortes, roubos, tráfico e as consequências de tudo isso.
Faltou um microfone que funcionasse de verdade.
Foi muito rápido.
Ótimo, pois podemos perceber que temos outras opções.

Fonte: própria autora

Quadro 6. Depoimentos sobre Palestra: Autoestima - Psicóloga Luciana

Eu gostei muito.
Achei muito bom.
Bom. ela alimentou meu ego.
Muito bom.
Podemos ser melhores.
Eu estava desanimado e, agora, minha auto estima aumentou.
Que palestra ótima!
Muitos de nós precisam ouvir a doutora para parar de se vender para esse crime maldito.
Envolvente!
Perfeito, abre nossos olhos para a realidade.
Fiquei com autoestima lá em cima.
Nós precisamos de apoio psicológico. que isso aconteça mais vezes.
Que ela continue esse trabalho incrível.
Choque de lucidez.
Muito interessante, pois ajuda a pessoa a ter um convívio melhor com o próximo.
Faltou ânimo nas pessoas.
Adorei a palestra, refleti muito, poderia ter mais vezes.
A palestra foi ótima, abriu meus olhos.
Psicóloga muito divertida.
Ótimo nos ajuda a pensar o que fizemos de nossas vidas.
Serviu para nos mostrar quanto vale a vida.
Foi ótimo, mas gostaríamos de atendimento individual.
Rever conceitos...

Fonte: própria autora

Quadro 7. Depoimentos sobre Oficinas de Desenho: Desenho Inicial (Rodrigo e Carolina); Desenho Avançado (Augusto); Xilografia (Valderio)

Quero que aconteça mais vezes.
Tem que ter todos os dias.
Ter mais vezes, mais aulas. é uma capacitação para o mundo lá fora.
Ótimo, pois acordamos para o sentido da vida.
Foi maravilhoso.
Deveria ter mais.
Quero mais oficinas de desenhos.
Que experiência boa!
Gostei muito!
Precisamos de mais oficinas.
Descobri novos talentos.
Pessoal da unb foi top demais.
Adorei, ótima aula de artes, espero que tenhamos mais.
Poderia acontecer oficinas permanentes.
Professores muito legais.
Essa oficina deveria ser um curso.
Pouco tempo.
Mesmo na cadeia pude ver que estou vivo e posso ser feliz.

Fonte: própria autora

## Considerações finais

Eu não tenho todas as respostas para os questionamentos que me fiz, longe disso, tantas outras indagações surgiram, no entanto, percebo que estamos no percurso significativo, daqueles que nos lembram do porquê escolhemos a profissão. A intenção deste relato não foi exaltar uma escola, nem mesmo seus professores, ainda que mereçam, mas apresentar a mobilização de profissionais que acreditam na Educação como meio de transformar indivíduos e colaborar na reinserção deles, mesmo em condições adversas.

Quando os Direitos Humanos são confundidos com “direito dos manos”, em uma clara referência de que pessoas privadas de liberdade não merecem condições dignas, tampouco educação e ao mesmo tempo presenciamos docentes tão comprometidos e engajados, percebemos que continuar acreditando na transformação e melhoria na sociedade é o caminho. Não somos super-homens, mas não deixamos de sonhar, apesar de todas as adversidades. Fecho este capítulo de um grande livro com as palavras de Paulo Freire, em uma mensagem clara de que não podemos nos eximir diante da educação, não importam as adversidades e situações, o ser humano sonha em ser mais.

É porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou à sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente. O que não posso, por uma questão de ética e de respeito profissional, é pretender passar por terapeuta. Não posso negar a minha condição de gente de que se alonga, pela minha abertura humana, uma certa dimensão terapêutica. (FREIRE, 2015, p.141).

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. **Educação após Auschwitz**. In: **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995, p.119-138.
- BOCK, Ana Mercedes Bahia & MELSERT, Ana Luísa de Marsillac. **Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-41-3-0773.pdf> Acesso em: 01/05/2018.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. Resolução 3, de 11 de março de 2009**. Dispõe sobre Diretrizes Nacionais para a oferta de Educação nos Estabelecimentos Penais. Diário Oficial da União, Brasília, 12 de março de 2009.
- \_\_\_\_\_. Presidência da República, Casa Civil. **Decreto 7. 626, de 24 de novembro de 2011. Institui o Plano Nacional de Educação no âmbito do sistema prisional**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de novembro de 2011b.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Justiça. **Recomendação 44, de 26 de novembro de 2014**. Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura. Diário Oficial da União. Brasília, 27 de novembro de 2014.
- CASTANHO, Marisa Irene Siqueira & SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Subjetividade, ensino e aprendizagem: aproximação histórico-cultural em trabalhos acadêmicos**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n3/v18n3a09.pdf> > Acesso em: 02, maio, 2018.
- FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo : Paz e Terra, 2018.
- MARTÍNEZ, Albertina Mitjás & GONZÁLES REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.
- PEREIRA, Antonio. **A educação de jovens e adultos no sistema prisional brasileiro: o que dizem os planos estaduais de educação em prisões?** Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6657>> acesso em 01, maio, 2018.